

## EDITORIAL

POR SEFI STRENGEROWSKI

### SOBRE A CONTRATRANSFERÊNCIA: SENTIR OU NÃO SENTIR? EIS A QUESTÃO

**T**Muitos autores pensaram e pensam sobre a contratransferência. Quem primeiro se atentou à existência da reação do analista aos ditos de seu paciente foi Sanador Ferenczi e comunicou isso pela primeira vez a Freud em 1908. Freud, assim como Klein, entendiam esse fenômeno como um obstáculo ao trabalho analítico, como algo que deveria ser evitado. Esses autores entendiam que a contratransferência se referia somente aos restos neuróticos não analisados do analista. Para Klein, a contratransferência poderia ser perigosa, pois o analista poderia correr o risco de não diferenciar o que era seu e o que seria do paciente.

Para Paula Heimann, discípula de Klein, a contratransferência era a resposta emocional do analista no setting analítico e seria importante, se usada como um instrumento para o trabalho para investigação do inconsciente do paciente. Com isso, o analista se tornaria humano, pois sua sensibilidade poderia ser valorizada. Sem as emoções do analista, para a autora, a relação analítica tende a se empobrecer.

O que Heimann atenta é que os sentimentos do analista devem ser contidos, até que possam ser elaborados e entendidos por ele e, então, ele possa retornar ao paciente com interpretações. Assim, a diferença entre os sentimentos do analista e analisando é o uso que o analista faz dos mesmos, contendo-os e elaborando-os ao invés de atuá-los como faz o paciente.

Como na relação entre mãe e bebê, em que a mãe, ao se tornar continente ao conteúdo do bebê, entendendo-o e podendo devolver a ele de forma mais digerida esse conteúdo, Bion fazia uso de seus sentimentos para pensar no que o paciente estava comunicando a ele. Assim pensou no modelo de continente-contido e preferiu usar o termo contratransferência para especificar os restos não analisados do analista.

A contratransferência é um tema polêmico na psicanálise e há muitos outros autores e analistas contemporâneos que colocaram e colocam seus olhares e pensamentos a respeito em seus artigos, textos ou livros. O analista deve ou não deve sentir? Se sentir o que deve fazer com isso? O que o analista sente?

Nessa edição do Acto Falho, temos textos com diversos conteúdos. Conteúdos vindos de pessoas diferentes, com experiências,

## ÍNDICE

ACTO FALHO 25

EDITORIAL - SOBRE A CONTRATRANSFERÊNCIA:  
SENTIR OU NÃO SENTIR? EIS A QUESTÃO - SEFI  
STRENGEROWSKI 1

ANÁLISE DE UMA MÚSICA - MARIA PEREIRA  
BUENO 2

A SURPRESA - ELIANE ACCIOLY FONSECA 4

PACIENTE - RAFAEL M. KLINGUELFUS 4

MAUREEN - SYLVIA LOEB 5

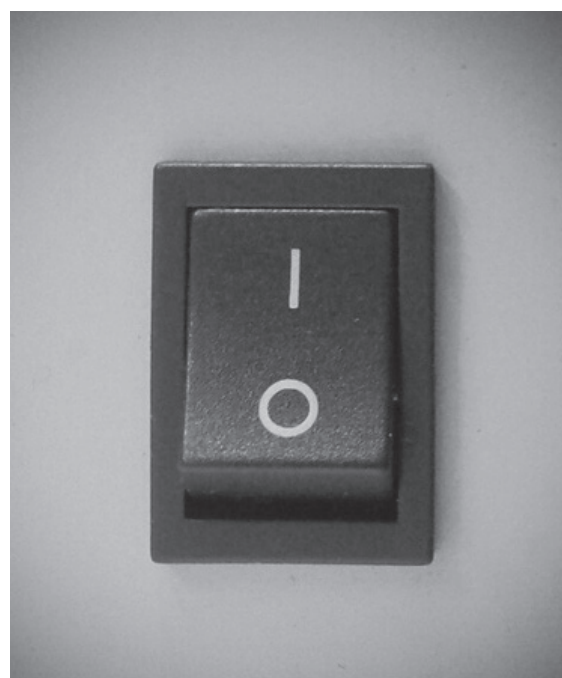
TRAUMA E CLÍNICA PSICANALÍTICA EM FERENCZI  
- ALINE CHOUKEE TURNOWSKI 6

OS 3 TRIPEIROS - GUSTAVO A J AMARANTE 7

ENTREVISTA COM EDE DE OLIVEIRA SILVA 8

EPISTEME - ENTREVISTA COM JOSÉ CARLOS  
GARCIA 10

DECIFRA-ME OU TE DEVORO 11



on-off switch - <http://imagiet.com/>

pensamentos, lógicas, psiquismos e sentimentos distintos. E os textos falando ao mesmo tempo de temáticas distintas falam também de sentimentos, sensações, angústias, traumas. Temos também duas entrevistas com professores do Departamento Formação em Psicanálise, Ede de Oliveira Silva e José Carlos Garcia, que compartilham conosco um pouco de suas trajetórias no contato com a Psicanálise e sobre como seus pensamentos e, com isso, como a sentem e como a vivem.

A experiência se torna vivida e mais rica quando a sentimos, por mais que, em algumas vezes, se torne angustiante entrar em contato com o que se passa dentro de nós em uma determinada experiência. Mas como entrar em contato com a angústia do outro sem entrar em contato com a própria? A leitura é uma experiência, uma vivência. Com isso, convidamos vocês para que ao lerem, experienciem, vivam, sintam! Boa leitura!

---

Sefi Strengerowski

Rua Francisco Leitão, 327, Pinheiros, São Paulo – SP

Tel. 11 99414 6684

Email: sefi287@gmail.com

## ANÁLISE DE UMA MÚSICA, DE UM SONHO, DE UMA VIDA

POR MARIA PEREIRA BUENO

**N**esse artigo resolvi brincar um pouco com a temática dos sonhos e para isso vou apresentar a música O tempo não para composta por Cazuza (e Arnaldo Brandão) em 1988, dois anos antes da morte de Cazuza.

Agora, vamos imaginar uma sessão de análise, onde o paciente está deitado no divã relatando um sonho. Imaginando que a letra da música é o relato do paciente. E que eu como analista, utilizando a atenção flutuante, vou escutando o discurso e imagens vão surgindo na minha cabeça.

Faço uma ressalva a respeito da condição claramente limitante deste artigo. Exercitarei somente minha cadeia associativa para interpretar, uma vez que esta condição me impede de ter diante de mim o sujeito/autor para investigar que associações e alusões mnêmicas ele mesmo poderia fazer a respeito de cada pedaço da letra, do discurso manifesto.

Vamos pensar então neste paciente, do sexo masculino, de 30 e poucos anos, bissexual, soropositivo (em tratamento) e músico/cantor/escritor/poeta. Que passa um grande sofrimento e solidão em seu relato.

*Disparo contra o sol / Sou forte, sou por acaso / Minha metralhadora  
cheia de mágoas / Eu sou um cara / Cansado de correr / Na direção  
contrária / Sem pódio de chegada ou beijo de namorada / Eu sou  
mais um cara*

*Mas se você achar / Que eu tô derrotado / Saiba que ainda estão  
rolando os dados / Porque o tempo, o tempo não pára*

Ele dispara contra o sol, contra a luz, contra a vida. Ele está cheio de mágoas, está magoado com a vida, com a vida indo embora, pois está correndo na direção contrária, está correndo contra a vida e essa corrida não vai levá-lo a lugar nenhum, a nenhum lugar que ele



[www.viastral.com.br/imagens/cazuza-1-credito-divulgacao.jpg](http://www.viastral.com.br/imagens/cazuza-1-credito-divulgacao.jpg)



queria chegar e ninguém estará esperando por ele, estará sozinho. Aqui me dá a impressão que ainda existe esperança na vida, o jogo ainda está rolando, os dados estão rolando, ainda há vida.

*Dias sim, dias não / Eu vou sobrevivendo sem um arranhão / Da caridade de quem me detesta*

Parece que aqui ele diz que tem dias que está bem, outros dias que não está. Que ele está sobrevivendo, mas não está vivendo. Que ele detesta depender e ter que ser cuidado pelos outros.

*A tua piscina tá cheia de ratos / Tuas ideias não correspondem aos fatos / O tempo não pára*

Uma piscina cheia de ratos. Geralmente as piscinas contêm água, estão cheias de água. E podemos dizer que a água é considerada como uma coisa limpa, cristalina, muitas vezes significa vida, saúde. Mas neste caso a piscina está cheia de ratos. Ratos são roedores, considerados animais sujos, que vivem no esgoto e portadores de doenças. Aqui podemos sentir um pouco de raiva, raiva desse outro sujo, imundo, que vive no esgoto, mas que deveria ser limpo, cristalino, saudável. Não há como não pensar num corpo doente, sujo, cheio de vírus, um vírus que vai roendo aos poucos, que vai destruindo um corpo que deveria estar limpo, saudável, mas as ideias não correspondem aos fatos.

*Eu vejo o futuro repetir o passado / Eu vejo um museu de grandes novidades / O tempo não para / Não para, não, não pára*

Um museu de grandes novidades. Quando penso em museu, penso em algum lugar que expõem antiguidades, peças antigas, históricas, não penso em novidades. Mas podemos pensar no paciente que foi rodeado de cantores e compositores desde pequeno, uma pessoa

com muita força de vida e com muitas “novidades” na cabeça, muita coisa para ser criada e ser exposta para o mundo, mas o tempo não para, e o dele estava acabando. Seria ele este museu de grandes novidades?

*Eu não tenho data pra comemorar / Às vezes os meus dias são de par em par / Procurando agulha num palheiro*

Sinto como se o paciente estivesse perdido, alguém não sabe o que está buscando, alguém que perdeu a esperança na vida. Que procura, procura por algo, por uma solução, mas não encontra. E os dias vão passando, sem serem contados, não fazem diferença. Ele não tem data para comemorar, não tem o que comemorar. Está sofrendo.

*Nas noites de frio é melhor nem nascer / Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer / E assim nos tornamos brasileiros / Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro / Transformam o país inteiro num puteiro / Pois assim se ganha mais dinheiro*

Aqui parece existir um pouco de onipotência, como se controlássemos o que acontece na nossa vida, como se a vida estivesse apenas no nosso controle, e não está. A vida dele já não estava mais sobre o seu controle, pelo contrário, dependia dos cuidados alheios. Como se um ladrão tivesse roubado sua vida, a vida do bicha maconheiro que fez da sua vida um puteiro.

Concluo que o medo da morte que Cazuzu (paciente hipotético) estava sentindo era tão forte, tão difícil de aceitar e lidar, que ele mascarou tudo isso tentando jogar a culpa nos outros. Quase que procurando um culpado para sua condição, para suas escolhas de vida, um outro culpado, mas um outro fora dele, não dentro. Temos todas essas imagens desconexas, sem sentido, condensadas umas nas outras, com muito sofrimento, com muita angústia. Com todos esses sentimentos deslocados para figuras imagéticas muito fortes: uma piscina cheia de ratos, uma metralhadora cheia de mágãos, o país inteiro como um puteiro, etc. E que no final das contas virou uma bela canção. Uma canção mascarada, que cobre, mas ao mesmo tempo mostra.

---

Maria Pereira Bueno  
R. dos Tamanás, 72 - Vila Madalena  
São Paulo - SP  
Tel. 11 981639769  
E-mail: mariabueno@outlook.com



Two Trees with Waxing Crescent Moon - Robin Street-Morris

## A SURPRESA

POR ELIANE ACCIOLY FONSECA

**O** gato-maravilha que em mim morreu  
retorna às vezes, cara redonda e invisível

Sombra errante corre  
a saudade de bandos vadios  
e arrepias as ruas de meu corpo

Lábio de lua crescente  
fixo só na aparência  
ri de mim, Alice,  
prisioneira dos contrários,  
o país dos espelhos  
onde me extravio

na aprendizagem banal e mágica  
de ser humana

---

Eliane Accioly Fonseca  
R. Joaquim Floriano, 871, cj. 94 Itaim Bibi  
São Paulo - SP  
Tel. 11 98471 9977  
Email: [consultorio@acciolyfonseca.psc.br](mailto:consultorio@acciolyfonseca.psc.br)

## \_PACIENTE\_

POR RAFAEL MONTEIRO KLINGUELFUS

**P**reciso lhe confessar  
não sei mais o que sinto por ti,  
falar é como realizar.  
Não sei mais o que espero de ti.

Quero só estar contida  
e quero ter dentro de mim.  
Se sonhar em grandes batalhas,  
prometo lhe incluir.

O desespero às vezes é uma hérnia  
eu manco, sem cair.  
Quando duvidava, lá ele estava  
não me deixou sucumbir.

Se o passado pregou peças  
sei que também estive ali  
ao ouvir-me e não atirar-me  
pude me perceber como a ti.

Confiança é matéria rara  
há que se confiar no devir.  
Ser paciente é coisa rara  
me transformar através de ti.

---

Rafael Monteiro Klinguelfus  
Praça Santa Terezinha, 218, sala 23  
Centro, Taubaté-SP  
Tel. 12 3413 1313 / 98131 0134  
Email. [rafael\\_klinguelfus@yahoo.com.br](mailto:rafael_klinguelfus@yahoo.com.br)





rtemazeh.blogspot.com.br

## MAUREEN BISILLIAT E A PAIXÃO PELA VIDA

POR SYLVIA LOEB

Sentada em uma cadeira, folheando um livro, alheia à festa ao redor dela. Nitidamente isolada e sem lugar naquele espaço cheio de jovens, gente mais ou menos desconhecida. Me aproximei feliz, pois me serviu de boia de salvação; eu também não conhecia ninguém a não ser o dono da festa. Fiquei solta no meio do salão e a procurei com os olhos. Sabia seu nome, me aproximei, chamei-a para sentarmos juntas. Vestida de modo inusual, sandálias abertas mostravam pés que já tinham percorrido os mais longínquos cantos do Brasil e da América Latina, trazendo imagens de lugares e pessoas que nem imaginávamos que existiam.

Máquina fotográfica no lugar dos olhos, capturava tudo. Eu sabia de sua história, está publicada em qualquer lugar que se procure o nome da grande fotógrafa que é. Tinha diante de mim, um presente, em presença, uma grande artista da imagem e da história de nosso país, Maureen Bisilliat. Aos 85 anos, atenta ao que eu falava, contando do projeto que vem desenvolvendo, um vídeo autobiográfico.

O que chama a atenção é a paixão com que fala de seu trabalho, de sua vida, porque seu trabalho é sua vida, não há diferença entre eles. Fala da liberdade que é chegar a essa idade, livre dos cuidados com a família, com as preocupações que nos atormentam a todas nós mulheres, quando somos mais jovens. Viúva de um marido a quem amou muito, não caiu no poço sem fundo da tristeza e da solidão. Sua angústia é nunca poder capturar TUDO, palavra que a persegue. Sempre uma inquietação, algo que escapou, que a faz desejar voltar para apreender o que não conseguiu. Sabe da impossibilidade de assenhorar-se de tudo, mas é um tormento, ela me diz. Está sempre em débito consigo própria. Seu neto, mais sábio, lhe diz, relaxa, vó.

Imagem é texto. Ela com suas imagens, nos contou histórias que ainda não tínhamos ouvido.

Por que escrevo sobre ela?

Justamente para tentar entender uma questão que se impõe a nós mulheres, depois de uma certa idade. Tenho respondido, pela internet, a indagações que muitas colocam, inevitavelmente, a respeito

de seus companheiros: traição, abandono, solidão, sofrimento.

Maureen está ou esteve imune a essas questões? Imagino que não, não pude perguntar-lhe, talvez em algum próximo encontro.

O que me tocou, o que me impressionou, foi a mensagem em alta voz, a paixão por algo que nos seja próprio, pessoal e intransferível. O amor de um homem é maravilhoso, mas esse pode morrer, trair, ir embora, deixar de nos amar, mas se tivermos outra paixão, algo que preencha nossa existência de significado, que não nos abandone, que nos seja próprio, talvez a falta se transforme em ausência, estado emocional que guarda a lembrança do que passou, mas responde ao chamado da vida.

Maureen, apaixonada pela arte, sempre desassossegada, curiosa e amante das pessoas, das coisas, das palavras traduzidas em imagens, “saltou muros e saiu a novo serenos”.

*Nele houve o insano projeto  
de envelhecer sem rotina;  
e ele o viveu, despelandose  
de toda que o tinha.*

*Sem medo, lavava as mãos  
do que até então vinha sendo:  
de noite saltava os muros,  
saía a novos serenos.*

*(Homenagem a Paul Klee - João Cabral de  
Melo Neto)*

---

Sylvia Loeb  
Avenida Albert Einstein 686, Morumbi  
São Paulo - SP  
Tel. 11 3743 8638  
Email. sylvia.loeb@gmail.com

# TRAUMA E CLÍNICA PSICANALÍTICA EM FERENCZI

POR ALINE CHOUKE TURNOWSKI

S andor Ferenczi foi um talentoso clínico e um dos discípulos preferidos de Freud, com o qual trocou aproximadamente 1.200 cartas. Nascido em 1873, foi o precursor da escola húngara de psicanálise, da qual também fazem parte Melanie Klein e Michael Balint. Esse importante autor, era extremamente interessado pela técnica, pela relação com o outro, e assim, buscava formas de acabar com o sofrimento dos pacientes através da psicanálise. De acordo com Roudinesco e Plon (1997) em 1908 descobriu a existência da contratransferência, explicando a Freud em suas cartas, sua tendência a considerar os assuntos do paciente como seus próprios. Isto foi conceitualizado por Freud dois anos depois, como um elemento essencial na situação analítica. Também tratou em sua obra da importância do fator traumático na patogênese das neuroses.

Na minha opinião, as contribuições de Ferenczi à clínica psicanalítica são muito pouco estudadas; me arrisco até a dizer que são negligenciadas. Trago aqui meu olhar sobre um trecho importantíssimo de sua obra, que trata sobre o trauma na criança, e a possibilidade de o analista repetir esse trauma sobre o paciente na clínica.

Ferenczi, em seu texto *Confusão de línguas entre adultos e a criança* (1933), traz uma original teoria do trauma, que está alicerçada na ideia do desmentido. Este é a negação por parte de um adulto que ouve a criança, de que esta sofreu um abuso sexual por uma pessoa de confiança, dizendo a ela que nada aconteceu, ou que o acontecido não tem importância. Ou ainda, de que se trata de uma fantasia. Este desmentido toma um contorno traumático e desestruturante para a criança, fazendo com que esta não confie mais em sua percepção. Para que ocorra um trauma, é necessário que o indivíduo que o sofre esteja impossibilitado de se defender. Por este motivo as crianças, cuja estrutura ainda está em formação, são mais suscetíveis.

Uma importante consequência do trauma é a identificação com o agressor, mecanismo que ocorre quando a criança reage pela identificação ansiosa com aquele que agride. Dessa forma a violência deixa de existir na realidade e passa a ser intrapsíquica; é submetida ao processo primário e transformada na situação anterior que era de ternura. Há também introjeção do sentimento de culpa do agressor, que faz com que a criança se sinta merecedora de punição.

Na situação analítica isto pode ocorrer; o paciente se identifica com o analista ao invés de acusá-lo de haver cometido erros, ou de confrontá-lo. A crítica ao analista só se torna possível se houver por parte deste permissão expressa ou encorajamento para tal. O analista deve investigar, além de episódios desagradáveis do passado, as críticas recalçadas ou reprimidas a ele endereçadas pelo paciente. Isso pode levar o analista a se defrontar com suas próprias resistências; deve ser muito bem analisado para lidar com o ódio e desprezo que as associações do paciente podem trazer. E também deve poder admitir seus erros, para obter a confiança do analisando.

Para Ferenczi, pode haver uma confusão de línguas entre criança e adulto. A língua utilizada pelos adultos seria a língua da paixão que seria a do exagero, enquanto que a utilizada pelas crianças é a língua da ternura, que seria a língua do lúdico. Isto transforma crianças e adultos em estrangeiros entre si. A introdução do amor passional e recheado de sentimentos de culpa precocemente, pode provocar as

mesmas consequências do que a ausência de amor.

É necessário que não ocorra entre analista e analisando uma confusão de línguas, respeitando o último como um estrangeiro que possui língua própria, e que esta não seja desautorizada para que não haja reprodução do desmentido. Caso não ocorra desta forma, a psicanálise pode reproduzir o trauma provocado pelo desmentido na infância do analisando, trauma este que seria pior do que o trauma original.

Para Ferenczi, a situação analítica pode não diferir muito do estado de coisas que lá atrás fizeram o paciente adoecer. Caso o analista force o doente à reprodução do trauma, este estado se tornará insuportável, e trará o mesmo resultado do trauma primitivo.

O que estabeleceria um contraste entre o presente e o passado traumatogênico, seria a possibilidade do analista admitir seus erros e aceitar as críticas provindas do paciente. Isto é necessário para que o passado seja reativado de uma forma não traumática.

Portanto, de acordo com Ferenczi, a elaboração do trauma na situação analítica só se torna viável caso analista e analisando falem a mesma língua, caso não sejam estrangeiros entre si. É dessa forma que será possível que o trauma infantil seja tocado, não de uma forma que cause um novo trauma, mas de uma forma que traga novas possibilidades.

No texto comentado acima, Ferenczi fala acerca do desmentido de um trauma sexual sofrido pela criança e perpetrado por um adulto. Mas acredito que podemos considerar como traumático qualquer tipo de desmentido. A desvalorização pelo adulto de uma fala da criança, principalmente se isto ocorre com frequência, causa no ser em formação uma falta de crença nas próprias percepções. Pode ser traumático e prejudicar o desenvolvimento da personalidade. Da mesma forma, o desmentido do analista em relação às percepções de seu paciente sobre o que ocorre na sala de análise, pode reinstaurar um trauma e travar o processo analítico.

## REFERÊNCIAS

- FERENCZI, S. *Confusão de Língua entre os adultos e a criança*. In *Psicanálise IV*. Martins Fontes. São Paulo: 1992.
- ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Vocabulário de Psicanálise*. Ed. Zangar. Rio de Janeiro: 1997

---

Aline Choueke Turnowski  
Rua Dr. Cândido Espinheira, 350 cj 122, Perdizes  
São Paulo - SP  
Tel. 11 97094-1872  
Email: alinectur@gmail.com



Cao Hui - <http://www.linlingallery.com/>

## OS TRÊS GRANDES TRIPEIROS

POR GUSTAVO A J AMARANTE

Nestes tempos de intolerância extrema para com as diferenças, quando supostos iguais rejeitam o outro, desigual ou também supostamente desigual, parece-me interessante abordar as igualdades no próprio seio da diferença. Penso também que perante o esforço de vários membros de nosso Departamento Formação, que se dedicam ao estudo da hospitalidade, pelos viéses da religião, da arte, da filosofia e da literatura, articulados com a psicanálise, encontrar semelhanças auxilia o sentimento de pertencimento. Então vamos deitar um olhar nos três grandes tripeiros da psicanálise, os expositores de vísceras, Sigmund Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan.

Freud, o pai e fundador da psicanálise, expos as tripas do inconsciente e as denominou sintomas, atos falhos, memórias encobridoras e sonhos. Com esta exposição revelou o enorme desamparo de um ser que já não habitava o centro do universo, que não era uma criatura acima e apartada da animalidade, e que agora deixava de ser senhor de sua razão ou de sua loucura.

Com sua segunda tópica nos apresentou o herdeiro do complexo de Édipo, o superego; a lei do homem, da civilização, introjetada. Com o mito do pai da horda primeva, inferiu o significante do Nome do Pai e traduziu a universalidade da interdição do incesto como manifestação da saída da selvageria ancestral.

Melanie Klein expos as tripas da vida primitiva e as denominou fantasias, posição esquizoparanóide e posição depressiva, mundo interno e mundo externo, cisão, projeção e integração, culpa e reparação, inveja e gratidão. Sua exposição revelou a angústia de aniquilamento, companheira inseparável de nossa jornada pela vida, desde os seus primórdios e para a duração de sua existência. Diuturnamente, se atentos, nos flagramos retornando à psicose da primeira infância, quando confrontados com as mais insuspeitas vicissitudes do viver.

Observando crianças pequenas ela encontrou um superego arcaico e cruel e um Édipo primitivo povoado por figuras amalgamadas; a lei da mulher, do sangue, do tempo anterior à civilização. Ela também nos revelou os primórdios do pensar e as bases da simbolização.

Lacan, no seu retorno ao mestre, expos as tripas da linguagem e as denominou metáfora, metonímia, eclipse, hipérbato, anacoluto, silepse, perífrase, catacrese, antítese, eufemismo, ironia, hipérbole e

prosopopeia. O que revelou foi o bastidor do discurso, o inter-jogo do significante e do significado, a tal da cura pela fala de Ana O. Revelou-nos também o real, o imaginário e o simbólico, construindo a espiral da vida mental na sua relação com o mundo concreto.

Decifrando o discurso ele nos deu o Nome do Pai, o Falo, o Desejo da Mãe e o sujeito; a lei da palavra. Ele enunciou a transformação da violência destrutiva inerente ao poder, servidora da pulsão de morte, na agressividade que serve Eros.

Freud olhou o adulto e encontrou a criança, Klein olhou a criança e encontrou o bebê, e Lacan olhou a palavra e encontrou a linguagem; então onde está a verdadeira psicanálise? Está na vontade de investigar o sofrimento humano e mitiga-lo, no reconhecimento do outro e na hospitalidade que se lhe oferece, na coragem para o enfrentamento de si mesmo e na humildade para tolerar o não saber. Está numa neutralidade que acolhe e que se abstém de exercer poder, numa autoridade atenta à singularidade e à universalidade ao mesmo tempo, e num ato de fé e confiança no encontro pautado pelos princípios fundadores da psicanálise.

Há, pois, mais igualdades do que dessemelhanças, e se há conflito, este se constitui pelo confronto das pequenas diferenças, ou de outro modo, pelo embate das enormes semelhanças. Talvez o irmão seja mais ameaçador do que o estrangeiro; talvez o irmão seja o estrangeiro dentro de cada um de nós; talvez sejamos estrangeiros para nós mesmos... Há que existir uma hospitalidade oferecida a todos os estrangeiros, internos e externos, afinal, somos todos passageiros da mesma aventura.

---

Gustavo A J Amarante  
Rua Borges Lagoa, 564, cj. 93 Vila Mariana  
São Paulo - SP  
Tel. 11 5575 3553  
Email: amarante@uol.com.br

## JUNTOS NO ACTO FALHO

ENTREVISTA COM EDE DE OLIVEIRA SILVA

**A**cto Falho: Como você disse na aula inaugural, sua primeira formação é em medicina. Como foi sua transição da medicina pra psicanálise?

Ede – Não é fácil sair do universo médico para o psicanalítico, porque são pensamentos opostos, certo? O médico lida com a doença, o sintoma e a cura e o analista lida com as causas dos sintomas. A psicanálise vai até as raízes deles buscando as causas. Esta é a possibilidade de quebrarmos o ciclo repetitivo deles.

### Quais os critérios para uma pessoa poder ser psicanalista?

Freud diz que todo profissional que quer ser psicanalista precisa passar por uma formação independente do título universitário que ele tenha tido anteriormente e que a formação analítica está alicerçada sobre três grandes pilares. Análise pessoal, que é condição sine qua non: não se pode ser analista sem análise pessoal de longo prazo e bem conduzida. A supervisão é outro grande pilar. O sujeito tem de passar por supervisões com outro analista que tenha um saber e uma prática de muita experiência e de longo prazo principalmente na área clínica. E o outro é o pilar teórico. Você tem de estudar as teorias psicanalíticas, principalmente da escola na qual você está mais identificado. Um quarto pilar pode ser acrescido que é pertencer a uma instituição psicanalítica onde as idéias possam circular.

**No texto da aula inaugural, além do tripé fundamental para o analista, você destaca a importância da participação do analista em uma instituição de pesquisa e desenvolvimento da psicanálise.**

A profissão analítica é muito solitária. A gente precisa se identificar com uma instituição, em que se possa trocar fichinhas com os outros e este é o quarto pilar. Por isso o departamento está aberto a quem se forma. O analista também precisa interagir com o que acontece lá fora, a cultura, que entra no consultório com o paciente.

### Podemos dizer que somos analistas?

Não somos analistas o tempo todo. Nós estamos analistas só no espaço analítico de uma sessão analítica e estando o paciente em associação livre e o analista em escuta flutuante. Sabemos que o fenômeno da transferência, por conta de um movimento regressivo, o paciente coloca o analista no lugar dos seus objetos primários. Se este nó foi criado pela prática psicanalítica o analista vai ter, dentro do possível, desatá-lo.

Todo conflito não resolvido (traumático) aflora e é atualizado na relação com o analista. Na aula inaugural, eu coloquei como título: Formação ou Transformação? Por que utilizei esta expressão? Ao meu ver durante o nosso percurso na formação vamos transformando a nossa escuta e a nossa maneira de lidar com o sofrimento dos nossos pacientes. Ela, a formação, vai propiciar a possibilidade de sabermos quando estamos ou não estamos analistas.

### Qual foi a sua trajetória na sua formação?

Eu fui médico por muito tempo, e senti a na minha clínica que estava faltando algo. Aí comecei a estudar a psicossomática. Mas sentia que ainda faltava algo. Um colega meu me indicou o Sedes e aí entrei e fiquei maravilhado com a descoberta do psiquismo como visto pela psicanálise. Fiz toda a minha formação aqui. Fui a terceira turma formada no Sedes, ainda com o Roberto Azevedo. Aí comecei minha via crucis, porque a transformação que a formação nos impõe, não é uma coisa simples. Comecei então minha análise quando entrei no Sedes, há uns 30 e poucos anos.

### Como foi sua prática no começo?

Era muito estranha. Meu consultório, inicialmente, era misto e eu atendia como médico e analista. Como no teatro onde há mudança rápida de cenário e de papel, no consultório, após atender como médico um paciente, e se o próximo paciente fosse de análise, eu tinha que me transformar internamente e o setting tinha de ser mudado, pois, o trabalho era diametralmente diferente do anterior. Então, na aula inaugural, eu falo também que o Freud foi quem institucionalizou a bigamia. Nós analistas somos bígamos, porque nós temos uma outra profissão na base de nossa formação. A psicanálise não é reconhecida como profissão.

### Como começou sua experiência profissional no Sedes?

Eu estudei e me dediquei pra valer, e depois de um ano ou dois de formado, entrei como monitor. A Nora me ajudou muito. Entrei no ano que ela dava o curso regular. Durante muito tempo eu fui monitor. Dava as aulas, preparadas com a ajuda da Nora, que me orientava. Foi uma experiência fundamental para minha formação. Depois fiz o concurso, na década de 90, pra entrar como professor no Sedes e no nosso Departamento. E aqui estou.



### **Em relação a esse início de trajetória, aqueles tempos, e o tempo atual, o que melhorou no departamento?**

Hoje o departamento permite uma formação continuada, pois sabemos que ela não acaba com término do curso. Como já disse o Departamento oferece várias atividades tais como, conferências, grupos de estudos e temos duas publicações anuais que vão acrescentar na nossa formação.

### **Voltando ao departamento, como você vê o seu envolvimento na nossa comunidade antes e depois da criação do Departamento Formação em Psicanálise, no início da década de 90?**

Eu fiz parte de várias comissões aqui. Ainda não existia departamento, mas a gente se divertia. A gente criou a revista Pathos, nossa primeira publicação. Eu participei de várias comissões e da inauguração do nosso Departamento. No começo, essas revistas eram uma coisa muito íntima, com fofocas e também a publicação de trabalhos e aviso dos próximos eventos. Era uma diversão. Depois veio a Boletim, que hoje está num momento muito bom e o Acto Falho, que é importante, pois é um espaço livre em que cada um tem espaço para poder contribuir.

### **Como você enxerga a psicanálise nos dias de hoje?**

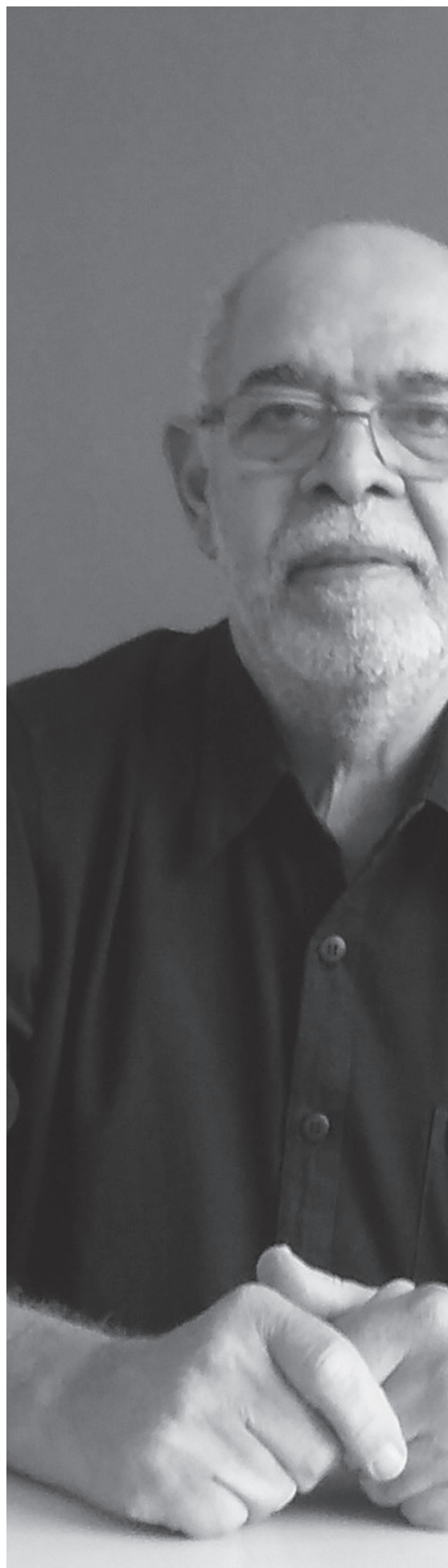
A psicanálise está em perigo. Aquela demanda, de 30 anos atrás, não existe mais como existia antes. Os neuróticos, histéricos, obsessivos clássicos viraram dinossauros e raramente aparecerem nos nossos consultórios. Àquelas estruturas clássicas trabalhadas por Freud foram acrescidas de novas patologias com um outro tipo de demanda. O imediatismo é a regra. Não podemos ficar alienados em relação aos novos sofrimentos da alma pois, demandam uma outra maneira de abordagem. As “novas patologias” estão aí de uma maneira quase epidêmica: os borderlines, as compulsões, as somatoses, as adições e a violência à flor da pele são agora o pão nosso de cada dia.

### **Como você enxerga o sujeito em sua clínica hoje?**

Hoje a passagem ao ato em detrimento do pensamento é a regra. Isto nos leva a trabalhar em dois níveis o dedutivo (interpretativo) e o indutivo. Sabemos que a cultura mudou e conseqüentemente as subjetividades também e um novo método de abordagem teve de ser criado para dar conta destas demandas.

### **Que mensagem ou conselho você deixa pros psicanalistas em formação do nosso departamento?**

Meu conselho é seguir o caminho de todo analista, isto é, levar em conta quatro pilares que vão cristalizar a nossa formação e poder ter consciência de que o processo de formação nunca termina. Do mesmo jeito que a análise nunca termina. Então, continuar lendo novos aportes psicanalíticos, se atualizando e reciclando de tempos em tempo sua análise pessoal. O analista que só lê psicanálise fica bitolado, fica isolado, porque o mundo não é a psicanálise e a psicanálise não é o mundo.



Ede de Oliveira Silva - Prof. do Dpto Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

# EPISTEME

ENTREVISTA COM JOSÉ CARLOS GARCIA

**Q**uais são os fundamentos filosóficos e/ou epistemológicos que sustentam sua prática clínica?

Ultimamente tenho me concentrado, justamente, em refletir sobre uma posição epistemológica que consiga dar suporte ao meu pensamento psicanalítico na linha daquilo a que Lacan se refere como sendo a de uma ciência conjectural e, principalmente, tenho revisto alguns paradigmas que estiveram presentes, durante muito tempo nas minhas reflexões sobre a teoria e a clínica psicanalíticas. Sem a pretensão de me alongar demais aqui, escolho apenas alguns tópicos para referenciar do que se trata. Por exemplo: ainda nos vale pensar as teorias freudianas a luz de modelos que cientificamente já podem ser pensados com modelos distintos? Pensar nas consequências do modelo freudiano de tempo, tempo linear, correspondente ao modelo da física newtoniana é o mesmo que pensar situando-nos no referencial da física de Einstein, onde tempo e espaço são um continuum e onde massa e energia não se distinguem? A relação disso com o trauma, pensado linearmente como: um evento (acontecimento), e uma experiência (de satisfação ou de insatisfação), um registro inconsciente (representação coisa) finalmente, a associação com representações palavra que trazem o efeito de ressignificação, não é o mesmo que pensar com uma lógica não linear e, portanto, até poder dizer, com Lacan, que, na lógica do significante o futuro pode ser anterior ao passado, pois o tempo é lógico e não linear. Se um paciente descobre aos 20 anos que uma determinada realidade familiar altera todo um sentido de história dessa família e nos diz que agora entende porquê vivia se sentindo deprimido, cabe que perguntemos: sempre se sentiu deprimido ou esse acontecimento cria elementos novos para seu passado? Bem, como disse, são apenas alguns elementos do que tenho buscado neste momento de minha formação.

**Sobre formação continuada, o que você recomenda aos analistas em formação sobre a formação de cada um?**

Na verdade, não há nada que se possa recomendar para a formação de quem quer que seja, além da receita tradicional. Faça sua análise ou, suas análises; busque discutir seus casos clínicos com alguém cuja experiência e estilo lhes sejam estimulantes ao pensamento; encontre a cada momento de sua formação uma forma de reconstruir a teoria analítica que se acomodou em você; e, finalmente apresente tudo isso junto aos seus pares na forma de um discurso autoral.

**Você poderia comentar brevemente sobre os fundamentos estéticos que norteiam o seu entendimento da Psicanálise?**

A pergunta fez-me lembrar de uma entrevista que li do Calligaris,

na qual ele se refere a um critério que ele chamou de Est-ético. Considero uma condensação feliz e acrescento que, para mim, a questão pode ser sintetizada na dimensão do desejo do sujeito, que afinal norteia nossa ação como analistas. Se a psicanálise nos trouxe algo, como forma de discurso, que faz um sentido de fato revolucionário, isto foi introduzido pelo que chamamos de ética do desejo. Ética que nem sempre faz traduzir o que se espera no entorno social, que se guia por suas formas estéticas, quase sempre, consumistas e adaptativas. Estou, como afirmei há pouco, seduzido pela estética dos modelos que podem ajudar a revelar nosso objeto em psicanálise e nesse sentido tenho encontrado na topologia e nos matemas de Lacan um regozijo estético e lógico muito especial. Através desses modelos tenho procurado uma aferição e uma precisão que o modelo dos mitos, por exemplo, não me permitiam alcançar e, na verdade, sempre deram margem a teorizações ou argumentações que esbarravam nas imprecisões dos: acho que, tenho a impressão de que, parece-me que, e por aí fora. As formas de revelação do sujeito do inconsciente produzem mais um sentido ético que estético propriamente falando



José Carlos Garcia - Prof. do Dpto Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

## DECIFRA-ME OU TE DEVORO

**Questão 1:** “A percepção de um acontecimento, do mundo externo ou do mundo interno, pode ser algo muito constrangedor, doloroso, desorganizador. Para evitar este desprazer, a pessoa “deforma” ou suprime a realidade – deixa de registrar percepções externas, afasta determinados conteúdos psíquicos, interfere no pensamento”. À luz da psicanálise, este fenômeno é denominado de:

- a) Mecanismo de defesa.
- b) Formação reativa .
- c) Racionalização.
- d) Recalque.
- e) Pulsão.

*Aplicada em: 2016 Banca: IF-TO Órgão: IF-TO Prova: Psicólogo*

**Questão 2:** De acordo com a teoria Psicanalítica e o modelo Topográfico da mente, analise as assertivas e assinale a alternativa que aponta a(s) CORRETA(S):

**I.** O sistema inconsciente caracteriza-se pelo pensamento de processo primário, visando facilitar a realização de desejos e a liberação de instintos.

**II.** O sistema inconsciente caracteriza-se pelo pensamento de processo primário e desconsidera a realização de desejos e a liberação de instintos.

**III.** Freud identificou e compreendeu que os mecanismos de defesa foram uma deficiência importante da teoria topográfica e que limitavam sua utilidade.

**IV.** O pré-consciente compreende eventos e conteúdos mentais que poderão ser trazidos à consciência pelo ato de concentrar a atenção.

- a) I.
- b) II e III.
- c) I e IV.
- d) I, III e IV.
- e) II, III e IV.

*Provas: FAFIPA - 2014 - UFFS - Psicólogo*

**Questão 3:** Freud, a partir do caso do pequeno Hans, abriu

espaço para o desenvolvimento da psicanálise infantil ao criar um modelo que, embora criticado por ser considerado uma ocorrência em que a análise se realiza em circunstâncias muito especiais, originou outros estudos e modelos. Nesse contexto, é correto afirmar que

a) Freud, desde o início de sua obra, apontou o diagnóstico como algo irrelevante para a direção do tratamento, pois descaracterizaria a proposta do método psicanalítico.

b) Lacan se apoiou na ideia de que o consciente se estrutura como uma linguagem ancorada no papel assumido pelo desejo da mãe e que, quando não há mediação, deixa a criança exposta a capturas fantasísticas.

c) Melanie Klein desenvolveu um método adaptado às mentes das crianças que assumem uma imagem de mãe dotada de desmedida bondade e, com base nessa concepção, a análise flui preservando todos os princípios da psicanálise de adultos.

d) a psicanálise para crianças, segundo Freud, teria sua base na dissociação da criança em relação à tarefa de analisar e de educar, criando, assim, as condições de um ambiente terapêutico especial, de modo a promover a regressão a fases iniciais de dependência materna.

e) o papel da psicanálise, para Winnicott, no contexto em que problemas psíquicos de grande relevância surgem, tem sua base na recreação de um ambiente que simbólica e concretamente contenha aspectos da relação entre a mãe e o bebê, possibilitando que o desenvolvimento emocional seja completado.

*Aplicada em: 2015 Banca: FUNIVERSA Órgão: Secretaria da Criança – DF Prova: Especialista Socioeducativo - Psicologia*

**Questão 4:** Sobre as contribuições de Freud para a Psicologia, é correto afirmar

a) a teoria freudiana é considerada uma teoria geral do funcionamento da personalidade, e não apenas uma teoria do comportamento anormal.

b) a teoria freudiana não pode ser definida como uma teoria geral do funcionamento da personalidade.

c) sobre a Psicopatologia na teoria psicanalítica, os sintomas expressam o conflito consciente entre o desejo ou impulso e a ansiedade, de tal forma que, como adultos, continuamos a ter partes infantis que

podem tornar-se mais ativas e problemáticas sob certas condições.

d) o processo de mudança terapêutica em Psicanálise implica lidar com emoções e desejos conscientes, bem como lutar com experiências dolorosas em um ambiente relativamente seguro.

e) a formação de sintomas, para a teoria psicanalítica, é um processo consciente.

*Aplicada em: 2015 Banca: UFSM Órgão: UFSM Prova: Psicólogo*

**Questão 5: Nas fases de desenvolvimento humano propostas no modelo freudiano, há um período no qual ocorre a canalização das energias sexuais para o desenvolvimento social, por meio de sublimações. Deste modo, a energia da libido fica temporariamente deslocada dos seus objetivos sexuais. Esta descrição corresponde ao período:**

- a) Fálico.
- b) Anal.
- c) Oral.
- d) De latência.
- e) Genital.

*Provas: FCC - 2012 - TRT - 6ª Região (PE) - Analista Judiciário - Psicologia*

**Questão 6: Enquanto a metáfora se fundamenta no fenômeno da similaridade, do simbolismo e do mecanismo de condensação, a metonímia se caracteriza pela contiguidade, a falta de criação de um novo significado simbólico e a presença do mecanismo de:**

- a) sublimação.
- b) deslocamento.
- c) introjeção.
- d) repressão.
- e) regressão.

*FCC - 2012 - TRE-CE - Analista Judiciário - Psicologia*

**Questão 7: A inserção de um terceiro na díade criança-mãe marca a entrada no simbólico. É a inscrição da metáfora paterna que permite que o sujeito entre na linguagem e articule sua cadeia significante, passando a fazer parte, assim, da cultura. A forclusão desse significante corresponde à abolição da lei simbólica, o que coloca à mostra todo o sistema do significante. Essa estrutura clínica descrita refere-se a:**

- a) perversão.
- b) neurose.
- c) depressão.
- d) psicose.
- e) fobia.

*Aplicada em: 2012 Banca: CESPE Órgão: TJ-AL Prova: Analista Judiciário - Psicologia*

## EQUIPE

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Sefi Strengerowski, Maria Pereira Bueno, Eliane Accioly Fonseca, Rafael M. Klinguelfus, Sylvia Loeb, Aline Choueke Turnowski, Gustavo A J Amarante, Ede de Oliveira Silva, José Carlos Garcia e Francisco Marques Nogueira.

Proj. gráfico e diagramação: [www.relou.com.br](http://www.relou.com.br)

DEPARTAMENTO  
Formação em  
PSICANÁLISE

